

Composição a frio

Zila Mamede

É meu ofício escrever
outra ocupação não tenho.
Pego a letra pelo pé,
uso dedos, lápis, mãos
e na máquina: o meu sufrágio.
Pois se nem eleição há,
e em quem votar não se encontra,
voto na palavra feita
– elejo o verbo escrever,
o livro aberto, a leitura
linotípica, desenho
projetado para ler.

Instrumentais simples são:
papel, formatos diversos;
tintas, tipos, lápis, cor,
versal, negrito, entrelinhas
e o chumbo com que compor;
borracha com que apagar,
branco, margem, pauta, pontos
corpo redondo em fusão
versal, versalete e a série
de espaços abertos, claros
no essencial: a cabeça
que é o nível de começar.

Tateio teclas, palavras
pego-as, vejo-as como são,
abro as portas, deixo que entrem
os canais da informação
que enchem bocas, olhos, vídeos
– pontos de interrogação.
Prendo com tachas palavras
junto-as no ato de escrever.
Depois despedaço em letras
– outra forma de apreender.
Decido o que então criar,
ato esse em que há tanto engano:
é árduo, cortante, grave
esse caminho encontrar.

Resenha de Gildete Moura de *FIGUEIRÊDO*
(CRB-4/319)

“*Composição a Frio*”, poema inédito, com estrofação diversa e perceptíveis variações textuais foi publicado no livro *A HERANÇA* (1984), na parte II, Afeto, sob o título “*Oswaldo Lamartine*”, na página 33 da edição original. A primeira leitura pública deste poema é realizada pela Profa. Terezinha de Queiroz Aranha, em seu discurso de posse na Academia Norte-Rio-grandense de Ciências, proferido em 30 de outubro de 1997, dentro da programação da 3ª CIENTEC e da Semana Nacional do Livro e da Biblioteca do RN, realizadas na UFRN de 27 a 31 outubro do mesmo ano. O Discurso foi publicado, pela Coleção Mossoroense, com o título “*Zila: rigor e emoção*” série B, n. 1543, em julho de 1998, 25 páginas, onde este poema aparece publicado na p. 13.